



**ENSINAR HOJE.
NOVOS CONTEXTOS E NOVOS DESAFIOS
DIÁLOGO COM JULIÁN CARRÓN***

Docente de Teologia na Universidade Católica do *Sacro Cuore* de Milão
Universidade de Bolonha, Aula Magna Santa Lucia, 11 de outubro de 2015

Promovido pela Associazione Culturale Il Rischio Educativo, Cdo Opere Educative, Diesse, DiSAL

Aderiram à iniciativa:

A.Ge - Associazione Italiana Genitori; A.N.I.N.S.E.I. Lombardia e Emilia Romagna - Associazione Nazionale Istituti Non Statali di Educazione e Istruzione; ADi - Associazione Docenti e Dirigenti scolastici Italiani; AGEsC - Associazione Genitori Scuole Cattoliche; AIMC - Associazione Italiana Maestri Cattolici; ANP - Associazione Nazionale dirigenti e alte professionalità della scuola; A.P.E.F. - Associazione Professionale Europea Formazione; CIDI - Centro di Iniziativa Democratica degli Insegnanti; CNOS SCUOLA - Centro Nazionale Opere Salesiane; ConOpera; CSL - Consorzio Scuole Lavoro; ENAIP - Ente Nazionale ACLI Istruzione Professionale; Federação Scuole Steiner-Waldorf in Italia; FIDAE - Federazione Istituti di Attività Educative; FISM - Federazione Italiana Scuole Materne; Forum delle Associazioni Familiari; ONM - Opera Nazionale Montessori; Portofranco; UCIIM - Unione Cattolica Italiana Insegnanti Medi.

TINO GIARDINA

Bom-dia a todos. Em nome das associações promotoras *Associazione Culturale Il Rischio Educativo, Cdo Opere Educative, Disal e Diesse*, dou-vos as boas vindas a este momento tão esperado. E sejam bem vindos também aqueles que, em mais de 50 locais em Itália e no estrangeiro, nos acompanham em direto.

Saúdo e agradeço com cordialidade a todas as numerosas autoridades presentes, àqueles que, embora não podendo estar presentes, nos enviaram as suas saudações e, em particular, ao professor Luigi Berlinguer que está aqui conosco.

A este encontro aderiram mais de vinte associações do mundo da escola italiana: agradecemos-lhes por terem querido apoiar e partilhar o desejo que fez nascer este encontro, e que é o de oferecer à escola italiana uma reflexão e um contributo para enfrentar o grande tema da educação, da escola, do ensinar hoje no nosso país.

Esta manhã, desejava estar também conosco o Diretor da Direção Escolar Regional de Emilia-Romagna, o Dr. Stefano Versari o qual, porém, com obrigações neste momento no estrangeiro, nos enviou esta breve mensagem: «*Recebi com entusiasmo a proposta do Presidente nacional da Diesse – o meu amigo professor Tino Giardina – para organizar este importante momento de estudo em Bolonha, cidade da Alma Mater Studiorum. Infelizmente, porém, obrigações institucionais retêm-me hoje no estrangeiro.*

Saúdo portanto o professor Carrón e todos vós, participantes, com um pensamento sobre o desejo que, acredito, encontrará pontos de aprofundamento ao longo do dia. Nos últimos dias, um médico lembrava-me que a escola está sob os olhares e “pressões” da toda a sociedade civil e política.

No entanto, quando o ensino tem início, este mundo às vezes turbulento fica de fora.

A realidade resta apenas aquela da relação humana entre professor e aluno: é aqui que se apoia a unicidade do risco educativo que acompanha o ser professor. Daqui surge também a condição

* © 2015 Fraternidade de Comunhão e Libertação para os textos de J. Carrón.

necessária para poder desenvolver a árdua tarefa profissional: a condição é renovar diariamente o “desejo” de ensinar. A realidade pode sustentar ou sujeitar a dura prova este desejo.

Esta é, portanto, a nossa tarefa enquanto Administração: tornar possível e facilitar o vosso ensino quotidiano. Traímos o nosso serviço à Nação quando complicamos em vez de facilitar a vossa missão de docentes.

É este desejo – frágil pela sua natureza, como frágil é a natureza humana – que sustenta a investigação profissional e alimenta o corpo, o coração e a mente do docente no seu quotidiano.

Quisquer que elas sejam, porém, não existem condições, por mais positivas, que possam assegurar a conservação do “desejo” de ensinar.

Por isso é necessário um dia como este: porque ajuda a procurar o coração da própria tarefa educativa; e porque ao mesmo tempo remete para qual é o método a seguir para não ceder à própria fragilidade. O primeiro método é o de renovar continuamente comunidades profissionais que se tornem capazes de resisitir no difícil trabalho diário de ensinar.

Estou grato à Diesse e às outras associações promotoras deste dia, que se esforçam por manter vivo e sustentar o vosso desejo inicial de ensinar. O desejo de ensinar, sustentado pelas comunidades profisisonais, é a condição necessária para escapar às “paixões tristes” e permanecer na esperança, sem a qual não é possível educar. Obrigado e bom trabalho».

Um agradecimento especial vai para a Universidade de Bolonha, que nos recebe nesta prestigiosa sede e, em particular, para o seu Reitor, o professor Ivano Dionigi, que nos recebeu com simpatia e disponibilidade e que convidou para fazer a sua apresentação.

IVANO DIONIGI

Uma saudação cordial a todos os presentes, em particular aos professores e aos funcionários da escola vindos de fora de Bolonha.

Cabe-me a obrigação de vos dar as boasvindas por um duplo motivo: não apenas de circunstância, enquanto dono da casa, mas também de mérito, uma vez que também eu pertença ao mundo da formação e, portanto, sou um de vós.

A ocasião de hoje é uma grande ocasião de reflexão, facilitada pela circunstância de ser Domingo de manhã, dia em que o tempo é mais nosso amigo porque corre mais devagar. E nós temos uma grande necessidade de parar para pensar, precisamos de pensamentos longos, como nos advertia Empedocle, sobretudo num período caracterizado por pensamentos curtos de cento e cinquenta caracteres, por pensamentos *mignon*.

E então, queria refletir brevemente convosco sobre o valor de algumas palavras: a primeira de todas, a palavra “escola”. O que significa a palavra “escola”? Ensinar é uma coisa que te deixa um sinal, um *signum*? Professor é alguém que professa o quê?

Quando dizemos escola, nós hoje, quando muito, imaginamos um edifício ou a Cinderela dos nossos ministérios. É isto a escola? É um âmbito técnico específico, de conteúdos, ou não será antes um campo de energia, uma abertura ao possível, uma coisa que tem ainda que existir? Aqui falo a professores, funcionários, administradores do mundo da escola: se a escola tem a ver com as crianças, com os adolescentes, com os jovens, não será uma coisa dada para sempre mas qualquer coisa terá que ser. Escola deriva de *scholé*, palavra grega correspondente ao latim *otium* e contraposta a *polypragmosyne*, que por sua vez correspondia ao latim *negotium* e significava “a vida ativa, ocupada” própria das pessoas ocupadas e também – dizemos nós – dos alienados. A *scholé*, pelo contrário, era o tempo que o cidadão reservava para si mesmo e para a sua própria formação e educação: aquilo a que os gregos chamavam *paideia*, e que entendiam como

completa, complexiva, integral da pessoa: *enkyklios*, “circular”, precisamente. Alguém já nos precedeu na teoria e sobretudo na prática dos saberes interdisciplinares e horizontais.

A escola é e deve continuar a ser o lugar da formação do espírito crítico. Não devemos ter pudor em usar esta palavra. Sim, a escola é o lugar único da formação do pensamento crítico, do debate, da discussão: o contraponto de uma certa modernidade que não nos agrada e que não é nossa amiga. Modernidade deriva de modo, que significa “agora”, “o momento presente”. Sim, eu acredito que a escola deve ser o contraponto da dimensão monocultural, do algoritmo simplificador, do pensamento único; deste universo mercantil e utilitarista que diariamente é proposto às nossas crianças, aos nossos jovens, adolescentes, adultos: a todos. O inglês pode muito bem ser aprendido lá fora; a Internet, os jovens aprendem-na sem necessidade de irem à escola; a empresa fornece a formação dos seus próprios técnicos. A escola não é, prioritariamente, o lugar nem da Internet, nem do inglês, nem da empresa; ela é o lugar onde se formam – digo-o com as palavras do grande Nietzsche – cidadãos completos e não empregados úteis. É o universo onde se reflete o mundo inteiro, porque é o lugar onde se aprende a cultura do *et et* e não do *aut aut*, sob a bandeira do diálogo. Para nós, hoje, *diálogo* é uma palavra gasta, mas convém recordar que diálogo deriva do grego *diálogos*: quer dizer o *logos* – entendido seja como “palavra”, seja como “raciocínio” – que “atravessa” (*dia-*) todos. Se não for na escola, onde é que isto pode acontecer hoje? Onde há diálogo não há conflito: os conflitos vêm da ignorância e não da cultura, e a cultura só é dada pelo diálogo entre as diferentes culturas. “Ensinar”, é o título do manifesto do vosso encontro de hoje. E então, restabelecamos a primazia do professor. Eu, enquanto pai, tive uma péssima experiência dos pais: pais que agrediam verbal e moralmente os professores, lhes retiravam a legitimidade, pretendiam ensinar-lhes a sua profissão e defendiam sempre e de todas as formas os seus próprios filhos. Não: o professor está no centro. Até há vinte, trinta anos, juntamente com a do médico, a figura do professor era a figura mais relevante e reconhecida socialmente e também do ponto de vista económico. Agora já não é assim. Esquecemo-nos de que o professor é um mestre; mestre – desculpem-me a insistência lingüística e filológica – deriva de *magister*, “aquele que sabe e vale mais” (*magis*) e que se coloca em relação com os outros (*ter-*); contraposto a *minister*, “aquele que sabe e vale menos”. Eram termos da linguagem religiosa romana: *magister* era o celebrante principal, *minister* era o celebrante auxiliar, o assistente, o servidor. Pergunto-vos: hoje em dia, quem é mais respeitado neste país, o mestre ou o ministro? É por demais evidente que substituímos o respeito dos mestres pelo culto dos ministros.

E depois a palavra “professor”, de *profiteor*: o que professa? Professora paixão, rigor, e sobretudo deveres. Num país que há trinta anos declina apenas a palavra direitos, o que nos diz a palavra “deveres”? Parece-me que o vocábulo “dever” foi expulso do vocabulário da língua italiana. Temos que agradecer ao professor que nos lembra que existem deveres. Esta nobre e ingrata tarefa do professor vem, acima de tudo, lembrar-nos outros dois valores: a “palavra” e a “história”. Hoje estamos todos muito ligados à ecologia ambiental; que seja benvinda esta sensibilidade. Mas há uma outra ecologia que é precedente e da qual temos grande necessidade: a ecologia linguística. Não sei quanto a vocês, mas eu tenho muitas vezes a impressão de viver numa Babel: com a mesma palavra, indicamos coisas diferentes e com palavras diferentes a mesma coisa. Falar bem, dizia Platão, além de ser em si uma coisa bonita, faz também bem à alma.

Nós hoje podemos fazer nosso o lamento do Catão salustiano: *vera vocabula rerum amisimus*, “perdemos o verdadeiro significado das palavras”. E então, alguém terá que as ensinar, a estas benditas palavras, terá que nos educar a falar bem; lembremos que falar bem é próprio de quem pensa bem. E isto, creio eu, cabe à escola. Nós temos que ter respeito e cuidado para com as palavras, tal como para com as pessoas: não podemos torcer-lhes o pescoço, mas diante das

palavras, devemos antes “agachar-nos com respeito e devoção” (Elias Canetti). Um único exemplo: as palavras Oriente e Ocidente. O que significam? Devem estar lembrados: desde as primeiras versões, encontramos *sol oritur*, “o sol surge” e “*sol occidit*”, “o sol morre”. O Oriente é a coisa, a pessoa, a realidade, o país, o continente que surge; o Ocidente é a coisa, a pessoa, a realidade, o país, o continente que morre. E então, faríamos bem em pôr de parte a nossa presunção e a nossa pseudo primazia. Nós hoje corremos o risco de retirar toda a crítica à palavra “Ocidente” e à nossa condição de ocidentais, se não percebermos que é urgente uma aliança necessária e natural com o Oriente; se não aprendermos a distinguir os vagidos daqueles que nascem no Oriente dos lamentos daqueles que acabam no Ocidente.

E por fim, a história. O mundo está mudado: já há algum tempo que estão dominadas as dimensões da geografia e as dimensões da demografia; estamos a esquecer-nos da terceira dimensão, a história, aquela que sempre nos guiou e que caracterizou o homem europeu. Sobretudo nos nossos jovens, há uma grande falta de conhecimento histórico. Somos todos espetadores do écrã cintilante da *net*, da *web*, da internet ao serviço da ditadura do presente, e graças a isso os nossos jovens acreditam que o mundo todo é uma questão de *hic et nunc*, de “aqui e agora”. Mas tal como num quadro existe um primeiro plano, um segundo plano, um fundo, também assim é com o conhecimento. É preciso aprender não apenas a momentaneidade da sincronia, mas o *continuum* da diacronia. Memória e história são um grande instrumento de defesa, são as coisas fundamentais para qualquer competição. Falo de história entendida na dupla dimensão de visão (de acordo com a palavra grega *historia*) e de ação (de acordo com a muito latina expressão *res gestae*).

As várias fases da vida, da infância à velhice, não serão talvez a expressão existencial mais evidente de que nós próprios somos essencialmente história?

TINO GIARDINA

Um agradecimento do fundo do coração a Julián Carrón, professor de Teologia na Universidade Católica do *Sacro Cuore*, de Milão, pela sua presença aqui entre nós e pelo sacrifício que teve que fazer esta manhã. Há já algum tempo que, acompanhando as suas várias intervenções e a sua constante atenção ao tema da educação, que está bem ilustrada também no seu recente livro publicado pela Rizzoli, *La bellezza disarmata*, que sentíamos o desejo de poder falar consigo sobre estes temas. E para que fosse realmente um diálogo com o mundo da escola real, escolhemos uma modalidade de preparação deste encontro que envolveu, ao longo destes meses, dezenas de professores, dirigentes, diretores de escolas públicas e privadas, desde a creche ao liceu e às escolas profissionais, que reagiram à provocação sobre o que significa ensinar e viver a escola para eles hoje, e quais são as urgências que encontram no seu trabalho. As perguntas que lhe propomos esta manhã espelham algumas das temáticas mais frequentes que nos chegaram.

A primeira pergunta que lhe faço vem de um professor: «Voltando à escola depois de onze anos de ausência, deparei-me com um mal-estar, um desânimo nos miúdos como nunca visto, até casos patológicos. Falei com vários psicólogos, neuropsiquiatras, psicoterapeutas. Os alunos sofrem porque, é evidente, alguma coisa se quebrou e eu diria que se perderam as evidências que faziam parte da experiência de ser filho».

Neste momento histórico em que tudo parece incerto, provisório, como é que vê a situação do mundo juvenil de hoje? E como é que olha para uma certa desorientação da sociedade adulta diante desta situação?

JULIÁN CARRÓN

Bom-dia a todos. Começamos por considerar a situação juvenil, porque a primeira coisa a fazer, na minha opinião, é identificar bem o problema. Lia há pouco no comboio, enquanto vinha para Bolonha, que essa questão surgiu também no Sínodo sobre a família: um dos grupos de trabalho, com efeito, observava que muitas vezes «tentamos resolver os problemas sem saber qual é a sua origem» (*L'Osservatore Romano*, 10 de outubro de 2015). É verdade também que em qualquer tentativa de oferecer uma resposta, qualquer que ela seja, há já um diagnóstico sobre a origem. Vemo-lo, por exemplo, quando, diante do mal-estar juvenil de que tanto se fala, entra em campo um aparato de psicólogos, de neuropsiquiatras, etc; ou quando se aumentam e se multiplicam as regras para tentar parar o mal-estar, de forma a ser possível fazer alguma coisa na sala de aula. Tudo isto indica que se identificou a razão do mal-estar como sendo um problema psicológico ou um problema ético. Mas a evidência de que não basta multiplicar as regras ou fornecer uma ajuda psicológica para responder ao problema faz-nos perceber que talvez a origem não seja apenas de natureza ética ou psicológica. Muitas vezes nós, educadores, sucumbimos à confusão entre o sintoma e a causa, trocamos a consequência com a origem.

Sinceramente, eu não encontro explicação mais adequada para a origem desta situação do que aquela que Dom Giussani deu há tantos anos; na altura, parecia uma explicação estranha, fora do coro das habituais interpretações, mas agora é evidente para todos. Ele defendia que a origem do desânimo juvenil é um enfraquecimento da energia, uma debilidade afetiva, graças à qual os jovens têm dificuldade em aderir – em primeiro lugar reconhecer, e depois aderir – à realidade que têm diante de si. Dom Giussani usava a imagem do efeito Chernobyl, cujas radiações provocam uma mudança no organismo que não se vê, mas graças à qual, dinamicamente, o homem já não é ele mesmo. Acrescentava que não se assimila verdadeiramente aquilo que se ouve (cfr. L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milano 2010, p. 181). E isto provoca ainda um maior desânimo nos jovens. Que um jovem esteja horas e horas nas aulas, com todo o seu desânimo e sem assimilar nada, torna ainda mais difícil que a transmissão dum conteúdo se enraíze nele. Por isso, dizia Dom Giussani, é difícil que aquilo que se transmite se torne convicção nos alunos. A razão última, dizia, é que tudo isto é a consequência do facto de já não haver nenhuma evidência real, não há nenhuma evidência a não ser a moda.

Mas o que quer dizer que já não há nenhuma evidência ou, como dizia a pergunta, «que se perderam as evidências que faziam parte [do nosso ser] da experiência de ser filho»? Não é que a realidade não esteja diante de nós como dantes; a evidência como «presença inexorável» está diante de nós, tal como está diante dos jovens, mas aconteceu aquilo que identificámos, utilizando uma expressão de Bento XVI, como o «colapso de antigas seguranças», o colapso das evidências; isto deveu-se ao facto de que diminuiu em nós e, portanto, nos jovens, a capacidade de reconhecer a realidade; diminuiu a nossa capacidade de vê-la, de captá-la no seu significado profundo. A questão é dar-mos conta daquilo que temos diante de nós, mas já não é fácil como dantes. É preciso recuperar a capacidade de reconhecer a realidade. Por isso não se trata de uma debilidade ética, como tantas vezes pensamos, mas de uma debilidade da energia da consciência.

Na minha opinião, isto é crucial para entendermos o desafio diante do qual nos encontramos. Não seria nada se se tratasse apenas duma fraqueza ética, porque isso quereria dizer que ainda existiria toda a energia do homem e que se tratava apenas de a orientar, de dar um rumo adequado a essa energia. Mas a aqui o problema é a falta da capacidade de captar as evidências e, portanto, a incapacidade de mobilizar todo o eu como consequência do reconhecimento daquilo que existe. Isto significa que nos encontramos numa situação existencial em certo sentido nova,

que diz respeito a todos os aspetos da vida, da família e de tudo o resto. Nós, adultos, fazemos a verificação da diferença do desafio porque, quando estamos diante dos jovens, reconhecemos que não é imediata a relação com eles e qua as nossas tentativas não fazem mudar as coisas. Por isso gosto de citar uma frase de Hannah Arendt: «Uma crise obriga-nos a voltar às perguntas; exige de nós respostas novas ou velhas, desde que brotem dum exame direto; e só se transforma numa catástrofe quando nós tentamos fazer-lhe frente com juízos pré-concebidos, ou seja, preconceitos, agravando assim a crise e, além disso, renunciando a viver esta experiência da realidade, a utilizar esta ocasião que a própria crise constitui para refletir» (H. Arendt, *Tra passato e futuro*, Garzanti, Milano 1991, p. 229).

Uma crise como a que estamos a atravessar é uma ocasião preciosa para perceber qual é a natureza do homem e, portanto, para nos interrogarmos sobre como captar a sua essência, de forma a poder oferecer um contributo que responda verdadeiramente ao desânimo que se carrega. Esta situação faz-nos sentir ainda mais desprovidos, porque nós, adultos, somos filhos do nosso tempo, vimos dum século em que toda a cultura, da psicologia à sociologia, ao marxismo, como que esvaziou o eu de cada um de nós, isentando-o de qualquer responsabilidade. Todos procuramos explicar os nossos mal-estares com alguma coisa que nos aconteceu no passado, com as influências do ambiente, descarregando em diversos factores a origem do nosso desânimo. Antonio Polito reconheceu isto bem, num livro em que resumiu esta problemática (A. Polito, *Contro i papà. Come noi italiani abbiamo rovinato i nostri figli*, Rizzoli, Milão 2012).

Parece-me que Dom Giussani deu um dos mais preciosos contributos, pelo menos eu sempre assim o entendi, quando identificou a origem do desafio que temos pela frente: nós, adultos, reduzimos o eu aos seus factores antecedentes, do tipo psicológico, sociológico, cultural, histórico, etc. Mas se nós, adultos, olhamos para o jovem assim reduzido no seu eu, imaginemos o desânimo! Já não temos diante de nós alguém a quem nos dirigirmos. Não existe um eu que seja mais do que a soma dos factores antecedentes. Quando esta mentalidade se enraíza em nós, adultos, bloqueia-nos mentalmente e impede-nos de estarmos como homens diante dos outros homens com os quais temos que dialogar. Isto não pode deixar de ter consequência terríveis, porque é como se uma pessoa renunciasse à sua tarefa educativa. Se o jovem está reduzido no seu eu e se eu não posso dialogar com ele, qual é a minha tarefa? Por isso “confiamos” a responsabilidade nas mãos dos psicólogos, psiquiatras, psicoterapuetas que, obviamente, têm que exercer a sua profissão; mas se a educação se reduz apenas a isto, então nós, professores, podemos ir todos para casa; não podemos ficar à espera de que, primeiro, os especialistas consertem as coisas para depois decidirmos o que fazer.

Infelizmente isto acontece, às vezes, com a convivência dos pais que, desorientados, não percebem a situação dos filhos e, portanto, não sabem como lhe fazer frente. Contava-me um amigo, professor de filosofia, que uma mãe se dirigiu a ele dizendo: «Olhe professor, o meu filho já tem problemas que cheguem. Peço-lhe para não despertar nele ainda mais perguntas». Imaginem como esta mãe deve olhar para o filho e o que isto significa para aquele professor! Os jovens encontram-se nesta situação, com adultos bloqueados que não conseguem compreender a natureza do desânimo dos filhos. Assim, todos nós colaboramos para os tornar ainda mais frágeis. Aceitar sem sentido crítico esta situação significa já ter dado um juízo sobre o homem, ter formulado um diagnóstico do desânimo; mas se todos nós olhamos para os jovens deste modo, podemos imaginar o que pode sair desta situação. Todos nós, queiramos ou não, colaboramos para aumentar a fragilidade dos jovens.

O desafio que temos pela frente é a este nível de profundidade do eu, não é menos do que isto, e tem a ver com a possibilidade de despertar o eu para que possa verdadeiramente interessar-se

por alguma coisa que o ajude a sair do desânimo que vive, da redução de si mesmo a que quase é obrigado pela forma como todos olham para ele. Por isso, o verdadeiro desafio é que o eu possa estar de novo presente com todas as suas exigências. Este é o valor de um olhar sobre o eu que o entenda de acordo com a sua verdadeira natureza, logo com todas as suas exigências e evidências elementares; o eu tem necessidade de uma provocação adequada para se reconstituir a si próprio como eu. Diz ainda Dom Giussani: «A nossa consciência original não age, a não ser sob a forma de uma provocação, quer dizer, de uma modalidade em que é solicitada» (*Dall'utopia alla presenza*. 1975-1978, Bur, Milão 2006, p. 193). Aquilo a que chamamos provocação é uma forma de ação.

O que é esta provocação? O que é que pode provocar no eu a activação das suas exigências constitutivas? O eu só é desafiado, só é provocado, pela realidade; em particular, o eu dum jovem é provocado pela realidade enquanto presente através dos adultos, dos professores. A questão, então, é se nós constituímos uma provocação adequada para os jovens, caso contrário, mais cedo ou mais tarde, iremos deixar cair a coisa sem lhe ter dado nenhuma ajuda, lamentando-nos da situação. Só um encontro capaz de despertar o eu pode ser adequado à situação dos jovens. Pensem que já em 1960 Dom Giussani identificava nisto a gravíssima deficiência do ensino moderno: «O jovem não é suficientemente ajudado a realizar a experiência da correspondência entre o real e a sua consciência» (*Porta la speranza. Primi scritti*, Marietti, Génova 1997, p. 17), entre o real e ele próprio, as exigências e as evidências que tem dentro de si. O jovem não é suficientemente ajudado a realizar a experiência da verdade, que se dá no encontro entre as exigências elementares do homem, que apesar de tudo permanecem – permanecem! -, e aquilo que lhes corresponde. Todos sabemos que permanecem, basta cometerem uma injustiça em relação a um jovem e verão se não permanecem nele as exigências elementares mais luminosas, por exemplo, a da justiça. Constatamo-lo também com os filhos: tentem fazer batota com eles, e eles dão-se conta. É inútil reduzi-los aos factores antecedentes, as suas exigências permanecem.

Apesar de toda a influência do meio ambiente, do poder, apesar da tentativa de redução do eu, há alguma coisa que resiste, ainda que seja debaixo de mil pedregulhos, debaixo de mil distrações. Existe! É a natureza do eu. É a experiência elementar, que ninguém pode apagar totalmente. Por isso, a primeira questão é se nós entramos na escola pensando nos nossos jovens como feitos de exigências e evidências elementares e se olhamos para os nossos filhos assim. Antes de tudo, antes de qualquer tentativa nossa, há um juízo, há um olhar sobre o eu que nos deve caracterizar. É uma concepção, antes de todas as nossas tentativas, às vezes, talvez, desajeitadas. É uma posição cultural a assumir nas relações com eles. Se sucumbimos a um olhar reduzido sobre a pessoa, estamos acabados, e, conseqüentemente, seremos incapazes de desafiar os jovens. E não porque o jovem esteja “errado”, se encontre numa determinada situação ou tenha sofrido algumas coisas más no passado. Precisamente porque viveu todas estas coisas, a única esperança para ele é que haja alguém que o olha ainda por aquilo que ele é, que não o reduz aos seus antecedentes, porque só este olhar lhe pode dar a esperança de recomeçar.

Por isso, o que é grave não é tanto que aconteçam certas coisas e que os jovens possam viver determinadas situações. Mais grave ainda é que nós tenhamos cedido a uma mentalidade que, acima de tudo, é falsa, porque apesar de todas as influências do tipo psicológico, ou biológico, ou sociológico, ou das circunstâncias, o eu existe, e de que maneira! Se não se parte desta posição cultural, que é antes de mais uma convicção do professor, a possibilidade de incidir sobre o jovem reduz-se praticamente a zero. Poderíamos concluir aqui, porque tomar consciência da urgência de reencontrar um olhar não reduzido sobre os jovens é o que mais quero, e disso depende tudo o resto.

TINO GIARDINA

Uma outra professora, desta vez da Sicília, escreveu-nos sobre aquela que foi a situação da escola italiana nestes últimos meses. *«Os recentes protestos massivos no mundo escolar foram sinal dum desânimo que procurou alívio na possibilidade de nos encontrarmos, “passado tanto tempo”, novamente unidos contra uma mudança vista como inimiga. Ora, depois da rua, o desânimo permanece mais premente do que nunca e tornaram-se evidentes nas nossas escolas também a solidão e o individualismo, um certo corporativismo defensivo, a cultura do queixume, a propensão a reagir em vez de refletir e dialogar. Mas [interroga-se esta professora] ninguém ou quase ninguém apresentou o tema da função da escola, a sua natureza e o seu objetivo».*

Qual é então, na sua opinião, a verdadeira função da escola, a natureza e o objetivo da escola, e como ajudar a recuperar o verdadeiro objetivo?

JULIÁN CARRÓN

O desânimo não diz respeito apenas aos jovens, mas antes de mais a nós, adultos, que nos encontramos no meio da confusão, como nos relembra esta professora. Por isso é interessante recordar qual é a tarefa da escola, mas ao fazê-lo, não podemos ignorar o desânimo atual, porque sem ter presentes os dois factores, acabaríamos por dizer: «Está bem, a escola tem esta obrigação, mas depois na realidade há questões que nos impedem de cumprir o objetivo para o qual ela existe», e assim damos a partida por encerrada. A obrigação da escola é ensinar, parece-me que não é preciso uma grande perspicácia para o perceber, ou seja, transmitir às novas gerações a riqueza acumulada por um povo, para que cada um dos seus novos membros não tenha que refazer todo o percurso desde o início. Se não fosse assim, ainda viveríamos nas cavernas.

Todos desejamos transmitir aos nossos filhos a riqueza da experiência que acumulámos, aquilo a que chamamos «tradição». A tradição, com efeito, é a riqueza de um passado. A questão é como é que podemos transmitir esta riqueza, que deve passar daquele que a possui para quem a deve receber. Esta transmissão é sempre feita através dum diálogo. Impressiona-me uma observação de Dom Giussani, porque me parece crucial do ponto de vista do método – muitos de vocês a conhecem -: «Não estou aqui», disse desde a primeira hora de aula, «para que vocês adotem como vossas as ideias que vos dou, mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgarem as coisas que vos direi» (L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 20). Qual é o professor que, no primeiro dia de aulas, deposita nas mãos dos jovens o método para ajuizar tudo, até mesmo aquilo que ele lhes dirá? Que aposta na verdade daquilo que lhes irá propor! E que confiança no facto de que o jovem possa reconhecer se é verdade ou não aquilo que lhe é proposto!

Isto quer dizer que Dom Giussani tinha a consciência de que a educação não acontece sem a colaboração constante do aluno, e por isso punha-o constantemente em jogo desde o primeiro momento, não apenas para que ele repetisse o que lhe era ensinado, mas sobretudo para que pudesse verificar e julgar tudo o que lhe era confiado. Ele depositava nas mãos dos seus alunos o critério do juízo. Isto obriga ambos, o jovem e o professor, a não fazerem batota: o professor não pode fazer batota depois de ter oferecido o critério do juízo, mas também o jovem não pode fazer batota. O professor oferece os instrumentos para este diálogo, para que o jovem se ponha constantemente em ação, interessado em verificar se é verdade ou não aquilo que lhe é transmitido como hipótese de trabalho. Com efeito, aquilo que nós recebemos do passado, aquilo que em nós se tornou já uma certeza, nós oferecemo-lo a ele como «hipótese de trabalho» - gosto muito desta expressão de Dom Giussani – para entrar no real, e, portanto, não apenas para uma

repetição formal, mas para que possa verificar por si mesmo a verdade daquilo que dizemos, reconhecê-la e acolhê-la por força de razões intrínsecas à evidência das coisas.

«Aquilo que herdaste dos teus pais, volta a ganhá-lo, para o possuíres» (J.W. Goethe, *Fausto*, vv. 682-683, Garzanti, Milão 1990, p. 53), dizia Goethe. Isto implica que o jovem esteja constantemente em ação na recepção de uma tradição, que poderá tornar-se convicção nele se for verificada na experiência. Por isso, logo desde o primeiro instante do ato educativo, está implicado o outro. Só assim o jovem pode crescer consciente de ter nas mãos um método que lhe permite caminhar cada vez mais rumo à certeza. Tenho que reconhecer que uma das coisas que mais me fascinou quando encontrei uma personalidade como a de Dom Giussani, com uma capacidade educativa única, foi o facto de que ele me punha nas mãos um critério de juízo para poder verificar na experiência a verdade de qualquer coisa. Assim podia descobrir a verdade no seio da minha experiência, em vez de repetir algumas coisas de formalmente. Antes de encontrar Dom Giussani, eu tinha já aprendido muitas coisas, mas é completamente diferente repetir as palavras sem as ter vivido, sem lhes ter descoberto a luminosidade, a evidência a partir da própria experiência, porque é só na experiência que se conhecem verdadeiramente as coisas.

Repito muitas vezes uma frase de Dom Giussani: «A realidade torna-se evidente na experiência». E ainda: «A experiência é o fenómeno em que a realidade se torna transparente e se faz conhecer» (*In cammino. 1992-1998*, BUR, Milão 2014, pp. 311, 250). A realidade torna-se transparente – para o homem – na experiência, tanto assim é que o Mistério, para nos fazer compreender alguma coisa, fá-la acontecer na nossa experiência: em vez de nos dar uma lição sobre o amor, faz-nos apaixonar-nos, faz-nos nascer numa família; para nos fazer perceber o que é a liberdade – outra das grandes palavras da vida do homem – faz-nos fazer uma experiência em que nos sentimos livres; para nos fazer perceber o que é a justiça, permite que experimentemos alguma injustiça. Tudo acontece na experiência. Por isso, se nós não estimulamos constantemente esta verificação, dispostos a correr todo o risco da liberdade do outro, será difícil que aquilo que temos para comunicar possa interessar verdadeiramente à vida dos nossos alunos.

Aquilo que recebemos da tradição não se transmite com um discurso abstrato, mas através das matérias que cada um tem que ensinar na aula. Sem isto, o jovem não será capaz de captar os nexos entre as coisas e, portanto, não entenderá, para ele o estudo será uma acumulação de dados que ele não consegue juntar. Por isso tantas vezes os alunos repetem coisas – e agora, com a Internet, vão buscar informações aqui e ali, copia-se, cola-se e já está -, ao passo que a atividade fundamental do eu é captar os nexos entre as coisas. Onde é que foi parar esta capacidade? Que tipo de jovens estamos a educar? E que tipo de sujeito surge, pelo contrário, com um ensino que respeita o método indicado? Qualquer que seja o aspeto da realidade que queremos enfrentar, não pode ser tratado sem onexo com tudo.

Isto pareceu-me ainda mais evidente ao apresentar a encíclica *Laudato si'* em Nápoles, na semana passada. Nessa encíclica fala-se do problema da relação com a natureza, a ecologia, um tema ao qual ainda somos todos sensíveis, em relação ao qual sentimos alguma simpatia espontânea; podem ter caído outras evidências, mas esta ainda não caiu totalmente. Quando vamos à montanha, gostaríamos que as montanhas estivessem limpas e que os jovens vivessem uma experiência de beleza, que fossem verdadeiramente tocados pela beleza da natureza. Mas quando começamos a entrar no assunto, perguntamo-nos: por que é que hoje nos preocupa a ecologia? Porque alguma coisa não correu como devia ter corrido, seguindo o exemplo estupendo, do ponto de vista do método, que deu Bento XVI no Bundestag: bastou um exemplo para fazer ruir toda a ideologia contrária, bastou simplesmente a experiência de alguns jovens dos anos sessenta que se deram conta – veem o que é a experiência elementar? – de que havia alguma coisa que não estava

bem na forma de tratar a natureza. Agora é evidente para todos, todos estamos preocupados com isso e daqui surgiu o desejo de encarar a questão ecológica. Mas o Papa explica que, para o poder usar bem, para poder ter uma relação adequada com o real, é preciso uma humanidade nova, porque quem usou mal a natureza, quem se relacionou de forma errada com a natureza, foi o homem: por isso, sem uma atitude diferente do homem, é inútil lamentarmo-nos, porque iremos continuar a tratar mal o ambiente. Se o homem não responde à totalidade do seu drama, se não consegue preencher o vazio que há em si, continuará a multiplicar as tentativas de possuir e de usar tudo de forma errada, e nunca haverá uma ecologia diferente.

É impossível educar sem partir de uma questão particular, mas ao fazer isto é impossível que não entre em jogo a totalidade da realidade e da concepção do homem e a consciência do que pode responder ao vazio do homem para que não seja obrigado a apoderar-se da realidade de forma errada. Se, no modo como introduzimos um jovem à realidade de uma matéria, não temos presentes todos os nexos, é impossível que o possamos interessar; conseqüentemente, temos que lidar com o desânimo da turma. Mas o desânimo temo-lo também nós, como dizíamos há pouco, também nós temos todos os problemas que coloca a pergunta da professora. Porquê? Porque somos homens, e tal como o jovem pode ser estar determinado pelos factos da sua própria vida, também nós podemos estar desanimados devido a uma situação especial, e então prevalece em nós o individualismo, a solidão, o queixume. Esta é a razão pela qual, depois de termos definido por palavras a tarefa da escola, dizemos tantas vezes: «Sim, está bem, mas isto é irrealizável na minha situação porque...». Nós somos os primeiros a testar isto nos miúdos, não são só eles connosco.

Portanto, trata-se de ver se nós temos uma modalidade para enfrentar todos os problemas que interferem com o ensino, testemunhando aos jovens como é que se podem enfrentar os nossos desânimos, de modo a oferecer uma hipótese de solução também para os seus desânimos. Em suma, o problema é se encaramos todas estas problemáticas como um obstáculo, ou como uma possibilidade para nós para verificar a nossa hipótese de interpretação da realidade da vida, ou seja, se temos um significado para viver também nestas circunstâncias. Se nós não o tivermos, isso será evidente para os jovens. De que modo? Porque irão ver-nos entrar nas aulas determinados pelas circunstâncias e não poderemos evitar transmitir-lhes um mal-estar e, com o mal-estar, a nossa capacidade de o enfrentar. Por isso o nosso problema é se uma situação como a atual representa a possibilidade de uma aventura no nosso caminho humano de adultos. Porque este é o aspeto mais fascinante da nossa tarefa educativa: a nós não nos são poupados todos os desafios da vida e o facto de termos de os viver diante dos jovens pode ser uma ocasião estupenda para não fazer batota com eles, mas tão pouco com nós mesmos. Porquê? Porque os alunos, tal como os filhos – a questão não é diferente – percebem muito bem quando é que nós estamos a responder a estes desafios, quando temos uma resposta para estes desafios e quando, pelo contrário, somos os primeiros derrotados, pensando que a vida ou a escola vai bem quando não há dificuldades. Isto não quer dizer que não se procurem todos os modos de resolver os problemas, mas às vezes sonhamos com sistemas tão perfeitos que nos poupem de sermos bons. E entretanto, o que é que fazemos? Ficamos quietos ou então queixamo-nos.

Só pessoas que têm uma resposta à altura da situação presente é que poderão verdadeiramente fazer parte da renovação real da escola. Só se existirem experiências em ação, é que os colegas e os alunos poderão ver testemunhos duma outra modalidade de viver e de ensinar na mesma situação de toda a gente. Este é o desafio, porque a escola não mudará apenas graças às directrizes do Ministério, que serão sempre úteis – e é melhor que não sejam coisas erradas –, mas esta para mim não é a questão decisiva; o problema é se as circunstâncias da vida são

fundamentais para o nosso caminho humano, não só de professores, mas de homens e mulheres que ensinam. É o desafio diante do qual todos nos encontramos. Como é que posso entrar na aula de manhã, depois dum dia passado no meio do desânimo? Só se viver uma experiência, só se encontrar lugares onde posso viver de tal modo que todos os desânimos não definem o meu eu, é que posso entrar na aula com uma hipótese de resposta estampada no rosto. E isto não depende de ninguém, a não ser de cada um de nós; não podemos descarregar sobre os outros esta responsabilidade, porque em qualquer situação existe sempre um eu que pode viver de forma diferente a circunstância. Isto define a própria grandeza, a própria dignidade de homens. Todos desejaríamos ter companheiros, colegas, alunos que nos ajudassem a viver assim. Por isso, se uma pessoa os encontrar no seu próprio caminho, não poderá senão ficar grato; e se os jovens os encontrarem na sala de aulas, não poderão senão ficar gratos.

Queria ler um texto de Dom Giussani que me parece sintetizar tudo aquilo que dissemos: "O professor não é um ator, nem um acrobata, nem um instrumento, embora seja vivo, um ser que actua: é uma pessoa. A fonte da educação, a fonte de uma comunicação de vida, a ajuda para desenvolver a vida, é a minha vida quem a dá, não o facto de ser professor. Serei educador se me comunico a mim mesmo.» (*Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, p. 214)

TINO GIARDINA

Na sua experiência de educador, de professor, como é que vive esta relação entre a disciplina e a realidade, entre a educação e o ensino? Exatamente porque é uma vida, pode contar-nos como vive este aspeto do ensino?

JULIÁN CARRÓN

Dou um exemplo pessoal desta interligação entre ensino e experiência. Durante anos fui professor de Introdução à Sagrada Escritura. Na primeira hora de aula, tentando explicar aos jovens como fazer a introdução ao estudo de uma matéria como a Bíblia, fazia-lhes uma pergunta: «Na vossa opinião, como é que deve ser feita a introdução à Bíblia?», porque cada um, mesmo sem ter refletido muito, no fundo tem já alguma ideia de como deve ser introduzido ao estudo de qualquer alguma coisa. Portanto, no primeiro dia de aulas, punha-os a todos a falar e escrevia no quadro as respostas de cada um, por exemplo: é preciso saber a data de composição do livro em questão, é preciso conhecer os géneros literários do texto, a métrica do verso, se é um poema ou um salmo, as circunstâncias em que foi escrito, a língua. Depois de terem feito a lista completa, eu dizia: «Vamos fazer uma verificação simples. Imaginem que eu vos propunha um poema de amor, dando-vos todos os dados que vocês listaram para serem introduzidos ao conhecimento, à compreensão do texto: a métrica do verso, a data de composição, as circunstâncias em que foi escrito, o vocabulário, se houver alguma palavra cujo significado não sabem; tudo, tudo». Uma vez transcritas todas as respostas deles, desafiava-os: «Na vossa opinião, uma pessoa que tem todos estes dados é capaz de alcançar toda a densidade do poema?». Não sei por que mistério, de todas as vezes eles diziam-me: «Não». «Porquê? Na vossa opinião, por que não? Porque não, se eu vos dei tudo aquilo que vocês consideram indispensável para perceber um texto?» (Extrapolando o exemplo, isto isto é válido também para um texto grego, latino ou de Leopardi). Porque havia qualquer coisa, na intuição dos jovens, graças à qual ficava claro que a longa lista de condições não era suficiente.

Chegando a este ponto, prosseguia a aula perguntando: «Então o que é um poema?», precisamente para os ajudar a perceber por que razão as respostas deles não eram suficientes.

«Um poema é a expressão literária duma experiência humana, por exemplo um amor. Alguém viveu uma determinada experiência e quer comunicá-la; quando tem um gênio literário, exprime-a na forma dum poema. Então, para poder entender o poema, é preciso descobrir a experiência humana que está por detrás dele, é preciso uma sintonia com a experiência humana que está por detrás da obra literária». Dava também um exemplo: «Imaginem que estão a atravessar um momento de desânimo e de dificuldade, estão perdidos, não sabem para onde ir, estão confusos; a um certo ponto, depois de várias tentativas, chegam à conclusão que seria bom pedir ajuda. Ora, quando uma pessoa se encontra nesta situação não confia as suas preocupações à primeira pessoa que encontra na rua, mas procura a pessoa adequada, alguém em quem possa confiar, que possa perceber do que se trata, que possa iluminar verdadeiramente a situação e oferecer alguma sugestão sobre como a enfrentar». E acrescentava: «Quando identificaste a pessoa e começaste a falar com ela, um bocadinho depois páras e perguntas: “Mas estás a perceber-me?”. “Claro”, diz-te o outro, no entanto tu percebes que ele não percebe, não te sentes compreendido, pelas suas reações percebes que ele não percebe». Portanto, não existe uma distância insuperável entre mim e um texto latino do séc. X, não existe uma distância em relação ao poema, mas existe um diálogo entre duas pessoas, como no exemplo que dava.

Logo, não é um problema de vocabulário ou distância do texto, mas de sintonia com a experiência humana que surge do texto. E então perguntava: «Por que é que, na tua opinião, a pessoa não te percebe? Foste tu que a escolheste, é uma pessoa em quem confias, é boa, sabes isso por outras razões. O que é que falta? O que é que lhe falta para te perceber? Por que razão não te percebe? Porque não basta, como tantas vezes pensamos, as boas intenções de quem ouve, os seus conhecimentos, isto não basta. O que é que falta, então? Falta alguma coisa na origem da pessoa que ouve, ou seja, falta uma experiência de vida que lhe permita perceber a tua experiência. Se existe esta falta na origem é impossível que ela te perceba. Do mesmo modo, para poder compreender um texto, não basta ter todos os instrumentos técnicos, porque é preciso captar a experiência humana que está por detrás de um poema, por detrás duma expressão literária ou por detrás duma experiência humana. E quem pode perceber a experiência humana do outro? Só quem levou a sério a sua própria experiência humana; só quem viveu, quem conquistou uma familiaridade com o humano, só este pode perceber. Por isso a primeira coisa, meninos, não é estudar hebraico, a primeira coisa é viver. A primeira coisa para perceber um poema é viver uma experiência humana, porque só quem tem esta experiência o poderá entender sem lhe reduzir o conteúdo; é evidente que qualquer pessoa pode captar alguma coisa de um poema de amor, mas se não fez a experiência de estar apaixonado, evidentemente só o poderá captar segundo a sua própria medida, *ad modum recipientis recipitur*, reduzindo, portanto, a experiência. Porquê? Porque a vibração que uma pessoa sente quando está apaixonada, o poema não lha transmite. Ou existe, e então basta-me qualquer sinal para a detetar em mim, porque a vivi, porque percebi que experiência humana é o amor, ou não consigo compreender esta experiência».

Deste modo, punha os meus alunos em condições de se darem conta de que, para perceber, é preciso viver, porque não se pode separar o fenómeno de perceber duma experiência humana sem a qual até as expressões literárias mais profundas me escapam na sua densidade, na sua intensidade. É o que acontece na vida quotidiana: as experiências mais profundas escapam-nos porque, muitas vezes, vivemos a nível superficial ou na aparência, por isso não sobra nada, tudo é um deserto nas relações, tudo é uma incapacidade de vibrar diante da experiência de um outro.

Por isso dizia aos meus alunos: «Se isto acontece com uma experiência humana ao alcance de todos como o amor, imaginem que experiência é necessária para compreender aqueles que dizem ter tido a experiência de uma relação com o Mistério presente na história, porque este é o

testemunho contido na Bíblia». Para poder entrar naquele texto, para perceber sem o reduzir, é necessária a totalidade de uma experiência, é necessário que eu participe dum lugar presente no qual posso fazer a mesma experiência que fizeram os protagonistas da Bíblia. Sem esta experiência, é impossível perceber.

Dizer tudo isto ensinando a matéria de estudo, não significa fazer discursos abstratos e fora da matéria, mas ajudar os alunos a perceber um texto na sua densidade, ajudá-los a descobrir que não bastam todos os instrumentos técnicos que lhes podemos fornecer, porque perceber, conhecer, é mais do que isso, é mais do que todos os nossos conhecimentos técnicos. Por isso um ensino reduzido a instrumentos técnicos e as noções a aprender já não é ensino, porque não nos faz conhecer até ao fundo, não dá um conhecimento completo, real, daquilo que comunico. Em qualquer tipo de conhecimento está sempre presente todo – todo! – o eu que conhece e o objeto que quero conhecer; sem uma atitude adequada, a partir do momento em que, ainda assim, conheço alguma coisa, penso ter conhecido, mas na realidade estou a reduzir o conteúdo daquilo que penso conhecer. O âmagô, a coisa mais interessante, escapa-me. E se, ao ensinar, vos escapa a coisa mais interessante, por que razão é que os jovens se deveriam interessar pela vossa matéria? Isto não é um apêndice, não é como um acessório da matéria que se ensina, mas é decisivo para atrair os alunos, é decisivo para despertar a sua atenção, para despertar o seu interesse, para despertar toda a sua capacidade de conhecer. E isto, é preciso provocá-lo. É preciso que diante deles esteja um professor que os provoque a isto.

Como dizia Dom Giussani, a transmissão de um conteúdo identifica-se com uma experiência que a pessoa vive. Por isso, a primeira condição é que a síntese tenha já acontecido na pessoa que quer transmitir um determinado conteúdo. É o conceito de geração: uma pessoa gera alguma coisa se a síntese está já em si. Posto isto, depois há todo o problema da atenção a ter em relação à modalidade de transmissão. Mas a primeira questão, repito-o, é que alguma coisa tenha acontecido em nós mesmos e então, com mais ou menos jeito, seremos capazes de o comunicar, de o transmitir. Não se pode evitar que a «concepção» tenha acontecido em nós, porque no fim nós transmitimos a vibração inefável e total que um texto – qualquer que ele seja – provocou em nós.

Neste processo de conhecimento entra em jogo constantemente tudo, a totalidade do eu, porque não se pode separar uma coisa da outra. Eu via isso claramente quando, antes de ser professor da Sagrada Escritura, ensinava num liceu. Lembro-me de que uma vez, na aula de religião, tendo começado a falar dos evangelhos como fonte para conhecer Jesus, mal tinha acabado de escrever no quadro a palavra «evangelhos» e já um rapaz tinha a mão levantada: «Não acredita mesmo que os evangelhos nos permitem compreender quem é Jesus, porque foram escritos pelos cristãos, então que credibilidade têm?» Depois de ter acrescentado que não era um ingénuo, eu respondi: «É óbvio que tu não és um ingénuo. Por isso esta manhã, quando a tua mãe te pôs à frente a caneca de café com leite, tu disseste-lhe: “Mãe, até me certificares que o café com leite não tem veneno, eu não o tomo”». Lembro-me da reação do rapaz; levantou a mão e exclamou: «Mas como é que pode dizer uma coisa destas? Há dezasseis anos que vivo com a minha mãe!». «Ah! Portanto, há ocasiões em que não é razoável ter desconfiança na relação com a realidade». «Claro». «Então qual é a diferença entre a reação diante da palavra “evangelhos” e aquela diante da caneca de café com leite da tua mãe esta manhã? Qual é a diferença? Ambas são provocações. Tu levantaste-te sem saberes o que te esperava nas aulas, que eu iria escrever no quadro a palavra “evangelhos”, que tu irias reagir daquela maneira e que eu iria fazer uma comparação com café com leite da tua mãe. Vês? Diante da palavra que eu escrevi, deixaste sair toda a tua reação de desconfiança, mas perante o exemplo que te dei não pudeste deixar de reconhecer que a atitude

mais crítica não é a de desconfiar; com efeito, tu esta manhã não desconfiaste da tua mãe. Qual é a diferença?». O próprio rapaz tinha centrado a questão, e eu fiz-lho notar: «Como disseste e muito bem, “Há dezasseis anos que vivo com a minha mãe”, portanto não era razoável que desconfiasses, porque tinhas dezasseis anos de razões, milhares de razões, graças às quais não podias desconfiar da tua mãe. Qual é, então, a diferença entra a tua mãe e a palavra “evangelhos”? O não teres, em relação à palavra “evangelhos”, dezasseis anos de convivência com um facto que te ajude a não desconfiar. Sem isso, terias perfeitamente razão em desconfiar; faltando a possibilidade de uma convivência com um presente real que te convença da verdade dos evangelhos, é inevitável que esta desconfiança prevaleça; sem esta convivência, tu não poderás aceder à verdade daquilo que dizem os evangelhos».

Poderia continuar a falar destas coisas até à meia-noite, de tal forma é decisivo reconhecer que, na educação, se entrelaçam constantemente o ensino da disciplina, a posição do professor e a atitude do jovem em relação ao real, que é preciso constantemente desafiar e continuamente educar; sem isto, não há nem a possibilidade de ensinar, nem que o jovem tenha a atitude certa para se relacionar com o real de forma verdadeira e não apenas com a sua própria imaginação ou o seu próprio preconceito. Esta é a coisa mais fascinante para um educador, ou seja, poder facilitar esta tomada de consciência através de exemplos simples; em vez de fazer um discurso sobre desconfiar, sobre a imoralidade de desconfiar, que seria inútil fazer, dei um exemplo que fez ruir toda a ideologia do rapaz. Um exemplo! Isto faz parte da nossa tarefa. Quando, no fragor da batalha, conseguimos dar alguns exemplos, vemos logo a eficácia que têm sobre os alunos. É a tarefa apaixonante de ensinar, razão pela qual eu serei sempre grato por tudo o que aprendi nesta aventura, porque todos os desânimos que podem existir não superam a aventura humana que uma pessoa vive consigo mesma, com os jovens, qualquer que seja a situação em que se encontre, porque há uma possibilidade constante de aprender, uns e outros.

TINO GIARDINA

Será muito interessante ver como tudo aquilo que nos contou sobre a Bíblia é válido para um professor de matemática, para um professor do jardim de infância, será muito interessante desafiarmo-nos a este nível.

JULIÁN CARRÓN

Ensinar é sempre uma relação com a realidade, qualquer tipo de realidade, também a matemática. Eu dei o exemplo da discussão sobre os evangelhos porque me pediram para falar da minha experiência. Mas é válido para qualquer matéria.

TINO GIARDINA

Reparei nos olhares de alguns professores de matemática que estavam carregadinhos de perguntas a este respeito...

JULIÁN CARRÓN

Que educação para a matemática é necessária para que aquilo que eu disse não seja válido apenas para uma aula sobre os evangelhos! Muitas vezes pode ser difícil introduzir os alunos à matemática devido a uma excessiva abstração da nossa parte. Pensem que desafio isto representa para nós, para nos introduzir a uma modalidade de ensinar matemática que provoque e desperte o interesse dos jovens.

TINO GIARDINA

Os sujeitos adultos que estão envolvidos na aventura educativa pode ser que vivam uma experiência de oposição em vez de colaboração, por exemplo pais e professores que atiram uns para cima dos outros a culpa da situação dos jovens ou, como nos escreveu um professor, *tudo é reduzido a uma camaradagem obrigatória entre diferentes sujeitos estranhos*. Mas no ano passado, a dez de maio, o Papa Francisco recordou-nos, pelo contrário, que para educar um jovem é preciso uma aldeia.

O que significa viver hoje uma unidade entre docentes, dirigentes, famílias, estudantes que seja útil para apoiar o crescimento da criança, do jovem, na aventura do conhecimento?

Uma segunda pergunta: qual é o contributo e as perspectivas de trabalho que vê para associações como as nossas, para as vinte ou vinte e cinco associações que estão aqui pelo bem das futuras gerações?

JULIÁN CARRÓN

O mundo é uma aldeia; há vinte anos que já não estou no mundo da escola, mas vejo que os problemas continuam a ser os mesmos. Com efeito, quando eu era diretor, um dos diálogos que tinha com os meus professores tinha como objeto o facto de eles defenderem que eram “apenas” professores e que os problemas que não diziam respeito ao ensino eram das famílias. Assim lavavam as mãos. Eu, pelo contrário, desafiava os meus professores e os meus colegas dizendo: «Imaginemos que é como vocês dizem, que um rapaz tenha alguns problemas na família e que, vindo à nossa escola, esteja condenado a ter um olhar problemático; se vocês tivessem um filho marcado por uma experiência negativa na família, gostariam ou não que ele encontrasse na escola alguém que o olhasse de forma diferente e que na escola pudesse fazer um percurso diferente, sem que tudo fosse descarregado sobre a família?». Os jovens chegam à escola como chegam, não são eles que decidem a família em que nascem, não são eles que decidem quais as dificuldades que podem existir entre os pais; e nós não podemos limitar-nos a dizer: «Coitadinhos, o que é que podemos fazer?!». Pelo contrário, é precisamente onde nos encontramos, na escola, que somos desafiados por esta situação a entrar em campo. Julgo que vocês todos conseguem perceber bem isto, não me parece que estejamos a descobrir a pólvora!

Apesar da situação, todos desejamos e esperamos que, frequentando durante anos uma escola, os jovens possam ser ajudados a enfrentar os desafios da sua vida. Por isso percebo muito bem a imagem da aldeia utilizada pelo Papa, porque nos encontramos verdadeiramente a ter que olhar para a realidade com um olhar unitário, que nos permita colaborar e não apenas descarregar as culpas uns sobre os outros, os pais sobre os professores, os professores sobre os pais, os professores e os pais sobre o sistema e por aí fora. A premissa para esta colaboração é o desejo de todos de participarem na aventura da educação: os professores, os pais, aqueles que estão envolvidos na escola a nível administrativo e os jovens, porque todos estamos no mesmo barco e todos devemos ter o mesmo objetivo.

A primeira coisa de que devemos estar conscientes é que, tendo que enfrentar a mesmíssima situação, seria melhor participarmos juntos nesta aventura, antes de mais nada, por nós mesmos. Caso contrário, será sempre cada mais difícil viver a tarefa educativa. De tudo o que dissemos até agora, parece-me que o primeiro elemento desta colaboração é ajudarmo-nos a uma unidade de juízo sobre uma situação que exige às vezes paciência, acolhendo o contributo de todos aqueles que participam na vida da escola, para ter presentes todos os factores. Antes de qualquer outra coisa, é uma colaboração no olhar, antes de ser no agir, porque se conseguirmos formar uma

imagem unitária, uma percepção completa da realidade, poderemos responder melhor ao longo do processo educativo. Logo isto introduz a necessidade de um diálogo entre os professores, alunos, pais, cada um chamado a assinalar aquele elemento que pode ajudar a ver todas as dimensões do problema. Imaginem o que isto significa, por exemplo, para aqueles pais que às vezes podem não estar totalmente conscientes da situação do seu filho: que o professor ou o diretor deem do seu tempo para os ajudar a perceber por que razão a escola faz uma escolha e não outra, põe os pais em condições de colaborar, envolvendo-se no processo da educação dos filhos. Às vezes pode parecer uma coisa inútil, porque envolver todos pode atrasar o caminho e parecer mais complicado, porque não se anda tão depressa como desejaríamos; mas se, depois, tivermos que perder tempo para explicar aos pais algumas decisões tomadas, em vez de os envolver desde o início, na realidade não ganhamos tempo. O envolvimento inicial de todos é uma modalidade desta colaboração.

Outro elemento desta colaboração são as tentativas – porque são sempre tentativas, o que fazemos na relação com os outros –, as tentativas educativas que fazem os professores, partilhando-as com os outros sujeitos da escola, tendo presente todos os elementos que estão em jogo. O quanto é importante, por exemplo, que os jovens professores que chegam às vossas escolas possam encontrar um lugar onde esta verificação constante do ensino seja levada a cabo, onde possam fazer perguntas sem se sentirem julgados, onde possam ser orientados e encontrar sugestões por parte de pessoas que têm já muita experiência em cima e que escutam as perguntas novas que têm.

Todo este caminho em conjunto não pode senão ser profícuo para cada um. Neste contexto, o trabalho das associações é precioso; peço-vos para não o reduzirem apenas ao nível da representação, mas de fazerem delas lugares de verdadeira companhia, de resposta aos problemas reais, onde constantemente se verificam as tentativas que se fazem dum partilha e dum apoio recíproco, para poderem colaborar cada vez mais nesta aventura fascinante que é transmitir um gosto de viver aos nossos jovens. Obrigado.

TINO GIARDINA

Nós é que agradecemos por nos voltar a propor, desta forma fascinante, o objetivo do nosso trabalho de professores e do trabalho de quem vive a escola em todas as suas facetas.

A escola italiana é seguramente rica de pessoas que, todos os dias, tentam viver a sua função dentro da escola para o bem dos jovens, mas a experiência ensina-nos que, se uma pessoa estiver isolada nesta análise do objetivo do seu próprio trabalho, com o tempo acaba por esmorecer ou arrisca-se a ficar fragilizada e desistir.

Por isso, acolhemos como um convite esta última sugestão de Julián Carrón, porque a finalidade principal das nossas associações é a de, através dum trabalho comum, sustentar e favorecer a liberdade e a responsabilidade de cada pessoa no seio do seu próprio trabalho, respeitando a sua natureza e objetivo.

Pelo que, para além e antes da tarefa de representação, queremos que as nossas associações sejam cada vez mais lugares fundamentais para um debate, para um apoio recíproco, para um amadurecimento da própria vida profissional. Trabalhar em conjunto é um valor para a pessoa que adere e, ao mesmo tempo, inicia a construção de um bem para todos, também a partir das pequenas coisas quotidianas.

A escola, os jovens e a sociedade precisam de adultos que vivam o seu próprio trabalho como protagonistas, com liberdade e responsabilidade. Liberdade e responsabilidade que desejamos que sejam sempre também o horizonte das escolhas políticas e institucionais. É cada vez mais



Diálogo com Julián Carrón
Bolonha, 11 de outubro de 2015

necessário favorecer e facilitar a assunção de responsabilidades de quem vive a escola todos os dias, e é também necessário apoiar a liberdade das famílias que escolhem a escola para os seus filhos.

Desejamos que aquilo que ouvimos hoje possa ser o início de um diálogo, de um encontro com todos aqueles que, cada um com a sua especificidade e a sua tarefa, vivem este desafio da educação na escola, para nos podermos ajudar e enriquecer reciprocamente.

www.insegnareoggi.org